



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Determinantes das escolhas na apresentação da Demonstração dos Resultados com adoção das IFRS

Beatriz Pinheiro Rodrigues

Mestrado em Contabilidade

Orientadora:

Prof. Doutora Isabel Maria Estima Costa Lourenço, Professora Catedrática,
ISCTE-IUL

Novembro, 2021

iscte

BUSINESS
SCHOOL

Departamento de Contabilidade

Determinantes das escolhas na apresentação da Demonstração dos Resultados com adoção das IFRS

Beatriz Pinheiro Rodrigues

Mestrado em Contabilidade

Orientadora:

Prof. Doutora Isabel Maria Estima Costa Lourenço, Professora Catedrática,
ISCTE-IUL

Novembro, 2021

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação representa um término, com sucesso, de mais uma etapa da minha vida, a conclusão do Mestrado em Contabilidade.

Este trabalho é a representação de um grande esforço e dedicação, por isso, apresento o meu especial agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a conclusão do mesmo, nomeadamente:

À Professora Doutora Isabel Lourenço, por ter aceitado ser minha orientadora de dissertação, pelo acompanhamento, disponibilidade, simpatia, conselhos e incentivos.

À minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos pelo apoio incondicional neste percurso, por acreditarem nas minhas capacidades e por me incentivarem a não desistir, foram fundamentais neste caminho.

À Catarina, por todo o apoio, ajuda, carinho e por me fazer acreditar que era possível.

A todos os meus amigos, pela amizade, pelo incansável apoio e incentivo e pela partilha durante o percurso académico.

RESUMO

Este estudo analisa os determinantes das escolhas de apresentação da Demonstração dos Resultados por empresas que aplicam as IFRS nas demonstrações financeiras consolidadas.

A amostra é constituída por entidades com títulos admitidos à cotação de países da União Europeia (Reino Unido incluído), pertencentes ao índice *Europe 350 (USD)* da *S&P*, cujas demonstrações financeiras consolidadas são preparadas de acordo com o normativo internacional IFRS.

O objetivo principal com este trabalho é perceber, perante a necessidade de *Accounting Choice*, a razão que leva à diversificação da apresentação da DR por parte das empresas.

Os resultados empíricos alcançados neste estudo concluem que os determinantes das escolhas de apresentação da Demonstração dos Resultados por Funções são essencialmente geográficos e setoriais.

Palavras-chave: Demonstração dos Resultados, IAS 1, IFRS

Classificação JEL: M41, M48

ABSTRACT

This study analyzes the determinants of choices in the presentation of the Income Statement by companies that apply IFRS in their consolidated accounts.

The sample is obtained by entities with securities admitted to listing in European Union countries (including the United Kingdom), belonging to the Europe 350 index (USD) of S&P, and consists of consolidated accounts prepared in accordance with the international standard IFRS.

The main objective of this work is to understand, given the need for Accounting Choice, the reason that leads to the diversification of the presentation of DR by companies.

The empirical results achieved in this study conclude that the determinants of choices for the presentation of the Income Statement by Functions are essentially geographic and sectorial.

Keywords: Income Statement, IAS 1, IFRS

JEL Classification: M41; M48

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
ÍNDICE DE TABELAS	ix
GLOSSÁRIO DE SIGLAS.....	xi
1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO NORMATIVO.....	3
2.1. Breve enquadramento da IAS 1 – Apresentação das Demonstrações Financeiras	3
2.2. <i>Disclosure Initiative</i>	5
2.3. <i>Primary Financial Statements</i>	7
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	9
4. METODOLOGIA.....	13
4.1. Abordagem	13
4.2. Seleção e caracterização da amostra	13
4.3. Modelo e variáveis	14
5. RESULTADOS.....	17
5.1. Análise descritiva.....	17
5.1.1. DR por função <i>versus</i> DR por natureza.....	17
5.1.2. Resultados intermédios apresentados na Demonstração dos Resultados	17
5.1.3. Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na Demonstração dos Resultados	20
5.2. Análise da Regressão Logística	22
5.2.1. Modelo 1 – DRF <i>versus</i> DRN	22
5.2.2. Modelo 2 – Apresentação do MEP antes ou depois do EBIT	23
5.2.3. Modelo 3 – Gross Profit na DRF	25
5.2.4. Modelo 4 – EBITDA na DRN	26
5.2.5. Pressuposto da ausência de multicolinearidade.....	27
6. CONCLUSÕES.....	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de uma DR por Natureza	4
Figura 2 - Exemplo de uma DR por Função	5
Figura 3 - Exemplo de DR com novos subtotais propostos	7

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação da DRF versus DRN	17
Tabela 2 - Apresentação dos Resultados intermédios na DRF	18
Tabela 3 - Apresentação dos Resultados intermédios na DRN	19
Tabela 4 - Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DR	21
Tabela 5 - Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRN	21
Tabela 6 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 1	22
Tabela 7 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 2	24
Tabela 8 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 3	25
Tabela 9 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 4	26
Tabela 10 - Multicolinearidade entre as variáveis	27

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

DFC - Demonstrações Financeiras Consolidadas

DR - Demonstração dos Resultados

DRF - Demonstração dos Resultados por Função

DRN - Demonstração dos Resultados por Natureza

EBITDA - Earnings Before Interest, Taxes, Depreciation and Amortisation

EBIT - Earnings Before Interest and Taxes

EBT - Earnings Before Taxes

IAS - International Accounting Standards

IASB - International Accounting Standards Board

IFRS - International Financial Reporting Standards

MEP - Método de Equivalência Patrimonial

UE - União Europeia

1. INTRODUÇÃO

A adoção mundial das *IFRS* resulta na harmonização das práticas contabilísticas entre os países, indicando assim que todos os países deveriam estar no mesmo grupo. É evidente que o mesmo não acontece, sendo que existem diferenças significativas que ainda persistem (Chen et al., 2010; Daske et al., 2013; Florou & Pope, 2012; Kim & Shi, 2012).

As normas internacionais, nomeadamente a *International Accounting Standards (IAS) 1 - Presentation of Financial Statements*, não caracterizam com detalhe o que as empresas devem apresentar na Demonstração de Resultados (DR) em relação a resultados parciais. Este problema leva a que as empresas sejam confrontadas com a necessidade de fazer escolhas quando têm de elaborar a DR (problema de *Accounting Choice*), o que se traduz na existência de uma grande diversidade de formatos de apresentação das empresas em relação à DR.

No entanto, apesar de existirem versões nacionais de aplicação das *IFRS*, é possível agrupar por grupos de países na Europa, como: (1) países nórdicos (Suécia, Dinamarca, Finlândia e Noruega); (2) Reino Unido; (3) Rússia; (4) todos os outros países europeus (Suíça, França, Holanda, Alemanha, Bélgica, Polónia, Itália e Espanha), segundo Lourenço et al. (2015). Num estudo mais abrangente, com países de diversos continentes, Lourenço et al. (2018) demonstram existir um aglomerado de países que podem ser designados como “influência americana”.

Recentemente têm vindo a ser desenvolvidos pelo IASB projetos para reforçar a harmonização contabilística. As principais preocupações deste sobre o problema da divulgação, baseiam-se no facto de não existirem informações relevantes suficientes, de estarem a ser divulgadas informações irrelevantes, e as informações relevantes nem sempre serem comunicadas com eficácia, sendo a principal causa a dificuldade de perceber quais as informações a serem divulgadas nas Demonstrações Financeiras, bem como a dificuldade de determinar a maneira mais eficaz de organizar e comunicar as mesmas (IFRS, 2017).

Neste sentido, nasceu o projeto *Disclosure Initiative* que tem como principal objetivo melhorar a comunicação nos reportes financeiros (IFRS, 2017). Em dezembro de 2019 foram publicadas pelo IASB propostas para melhorar a forma como a informação é comunicada nas DF's, com especial foco na informação divulgada na demonstração dos resultados (IFRS, 2019b).

Assim, o problema identificado permite analisar a seguinte questão de investigação: Quais é que são os determinantes/fatores explicativos das escolhas adotadas pelas empresas na preparação da DR com a adoção das *IFRS*?

O objetivo principal com este trabalho é perceber, perante a necessidade de *Accounting Choice*, a razão que leva à diversificação da apresentação da DR por parte das empresas.

Este trabalho segue uma abordagem empírica, iniciando-se a observação/recolha de dados, posteriormente confrontados com as suas bases teóricas, resultando numa mudança ou acréscimo de conhecimentos, face aos resultados obtidos. A metodologia de abordagem é quantitativa, com recurso a métodos estatísticos, sendo, portanto, objetiva.

Neste estudo são testados 4 modelos de regressão binária logística com recurso ao SPSS: (1) a probabilidade de as empresas apresentarem a demonstração dos resultados por funções; (2) a probabilidade de as empresas apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT; (3) a probabilidade de as empresas apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções; (4) a probabilidade de as empresas apresentarem o subtotal *EBITDA* na Demonstração dos Resultados por Natureza. Todos os modelos têm por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor).

Através da análise dos mesmos, é possível concluir que os fatores que explicam as empresas apresentarem a DRF e as empresas apresentarem o resultado do MEP antes do EBIT são, essencialmente, fatores geográficos e setoriais. A apresentação do *Gross Profit* na DRF, apresenta como fator explicativo apenas a localização da sede das empresas, sendo mais provável nos países nórdicos (Dinamarca e Suécia). Enquanto que a apresentação do EBITDA na DRN, tem como principal fator explicativo, as características das empresas, mais precisamente, a percentagem de ações de capital fechado.

Concluindo, no seguimento da *Disclosure Initiative* e dos demais projetos que têm vindo a ser desenvolvidos pelo IASB, este estudo é relevante uma vez que se trata de um assunto atual e onde é possível verificar a existência de literatura que demonstra a diversidade existente nas práticas de acordo com as *IFRS*. Importa também salientar que a questão proposta ainda não foi investigada.

No ponto seguinte descreve-se o enquadramento normativo da IAS 1 e os projetos desenvolvidos pelo IASB, *Disclosure Initiative* e *Primary Financial Statements*, que identificam e compreendem os problemas de divulgação de apresentação das demonstrações financeiras, tendo por base os requisitos existentes na IAS 1. No ponto três, é exposta a revisão de literatura, apresentando em síntese os principais estudos focados não só na aplicação da IAS 1, mas também no problemática do *Accounting Choice* e em possíveis soluções, como alterações nas normas tornando-as mais específicas e não tão abrangentes. Posteriormente, será apresentado um estudo empírico, constituído pela descrição da amostra, metodologia e modelos utilizados. No ponto cinco serão analisados os resultados obtidos da análise descritiva e dos quatro modelos de regressão binária logística. Por fim, serão apresentadas as conclusões acerca do estudo efetuado.

2. ENQUADRAMENTO NORMATIVO

2.1. Breve enquadramento da IAS 1 – Apresentação das Demonstrações Financeiras

O *International Accounting Standards Board (IASB)* é um organismo independente do setor privado, responsável pelo desenvolvimento, publicação e aprovação das Normas Internacionais de Relato Financeiro (*IFRS*).

A IAS 1 é a norma internacional de contabilidade sobre a apresentação das Demonstrações Financeiras. Esta norma *“estabelece requisitos globais para a apresentação de demonstrações financeiras, diretrizes para a sua estrutura e requisitos mínimos para o respetivo conteúdo”* (IFRS, 2018). As entidades devem aplicar a mesma ao preparar e apresentar demonstrações financeiras de acordo com as *IFRS*.

As empresas portuguesas cotadas em bolsa são obrigadas a preparar as demonstrações financeiras de acordo com as *IFRS* e, regra geral, as sociedades não cotadas em bolsa não são obrigadas a seguir o normativo internacional (*IFRS*), podem optar pelo normativo nacional (o SNC – Sistema de Normalização Contabilística) ou internacional.

O objetivo das demonstrações financeiras é o de proporcionar informação acerca da posição financeira, do desempenho financeiro e dos fluxos de caixa de uma entidade que seja útil a uma vasta gama de utilizadores na tomada de decisões económicas” (IFRS, 2018).

A IAS 1 (IFRS, 2018) apresenta-nos as cinco demonstrações financeiras obrigatórias a entidades que adotem as *IFRS*:

- Demonstração da posição financeira no final do período;
- Demonstração dos resultados;
- Demonstração do outro rendimento integral;
- Demonstração das alterações no capital próprio do período;
- Demonstração dos fluxos de caixa;
- Notas.

As entidades relativamente à apresentação da Demonstração dos Resultados podem optar por uma única Demonstração dos Resultados e Outro Rendimento Integral (com os resultados e o outro rendimento integral em duas secções) ou uma Demonstração dos Resultados (DR) e uma Demonstração do Outro Rendimento Integral (DORI) em separado. Se optarem por esta última, a DORI deve ser apresentada logo a seguir à DR separada (IFRS, 2018).

Uma vez que o presente estudo aborda apenas a Demonstração dos Resultados com adoção das *IFRS*, analisaremos com mais detalhe o que a IAS 1 exige na apresentação desta demonstração.

De acordo com a IAS 1, os resultados que devem ser divulgados na Demonstração dos resultados são (IFRS, 2018):

- Lucro ou prejuízo;
- Lucro ou prejuízo atribuível a:
 - Interesses que não controlam;
 - Proprietários da empresa-mãe.

A IAS 1 refere ainda as linhas referentes aos rendimentos e gastos da entidade que têm de ser apresentadas na DR (IFRS, 2018):

- Rédito;
- Gastos de financiamento;
- Participação nos lucros ou prejuízos de associadas e de empreendimentos conjuntos contabilizados pelo MEP;
- Gasto de impostos;
- Total das operações descontinuadas.

A Demonstração dos Resultados pode ser apresentada por Função ou por Natureza, conforme a que proporcionar informação que seja fiável e mais relevante, esta decisão depende de fatores históricos do setor e da natureza da atividade (IFRS, 2018).

A Demonstração dos Resultados por Natureza (DRN) é caracterizada por agregar os gastos nos resultados de acordo com a sua natureza (como por exemplo, variação de inventários, benefícios dos empregados, depreciações e amortizações) não os realocando às funções da entidade (IFRS, 2018). A figura 1 é um exemplo da DRN apresentado na IAS 1.

Figura 1 - Exemplo de uma DR por Natureza

Revenue		X
Other income		X
Changes in inventories of finished goods and work in progress	X	
Raw materials and consumables used	X	
Employee benefits expense	X	
Depreciation and amortisation expense	X	
Other expenses	X	
Total expenses		(X)
Profit before tax		X

Fonte: IAS 1 (IFRS, 2018)

A Demonstração dos Resultados por Função (DRF) é caracterizada por classificar os gastos de acordo com as funções da entidade (como por exemplo, custos de distribuição, despesas administrativas e custo das vendas) (IFRS, 2018). Se a empresa optar por este método de classificação dos gastos nos resultados, deve adicionalmente divulgar sobre a natureza dos mesmos, incluindo os

gastos de depreciação e outros referidos anteriormente na DRN (IFRS, 2018). A figura 2 é um exemplo da DRF apresentado na norma.

Figura 2 - Exemplo de uma DR por Função

Revenue	X
Cost of sales	(X)
Gross profit	X
Other income	X
Distribution costs	(X)
Administrative expenses	(X)
Other expenses	(X)
Profit before tax	X

Fonte: IAS 1 (IFRS, 2018)

2.2. Disclosure Initiative

O IASB tem vindo a demonstrar alguma preocupação relativamente a como é efetuada a comunicação nos relatórios financeiros. Por isso, de 2017 a 2021, os projetos do IASB focam-se numa “*Better Communication in Financial Reporting*” (IFRS, 2017).

De forma a compreender como é que a eficácia das divulgações das Demonstrações Financeiras com adoção das IFRS podiam ser melhoradas, o IASB organizou um fórum de discussão no início de 2013 de modo a promover o diálogo entre os diversos interessados nas entidades sobre esta temática, criando assim o projeto: *Disclosure Initiative* (IFRS, 2017).

Perante esta temática, o IASB teve a participação neste fórum de grupos representativos de utilizadores e preparadores das demonstrações financeiras, auditores e reguladores de mercado (IFRS, 2017).

O projeto *Disclosure Initiative* é composto por vários projetos, sendo que quatro deles já estão concluídos:

- Alterações à IAS 1 – concluído em dezembro de 2014;
- Alterações à IAS 7 – concluído em janeiro de 2016;
- Materialidade:
 - *IFRS Practice Statement Making Materiality Judgements* – concluído em setembro de 2017;

- Definição de materialidade (Alterações à IAS 1 e IAS 8) – concluído a outubro de 2018.
- Princípios da divulgação – concluído em março de 2019

Os projetos pertencentes ao *Disclosure Initiative* ainda em curso são:

- *Targeted Standards-level Review of Disclosures* – desde março de 2018;
- Políticas Contabilísticas – desde julho de 2018;
- Subsidiárias que são pequenas e médias empresas (PME) – desde janeiro de 2020.

Para este estudo os projetos mais relevantes do *Disclosure Initiative* são as Alterações à IAS1 e os Princípios de Divulgação. Focando mais neste último, uma vez que o mesmo tinha como ponto central identificar e compreender melhor os problemas de divulgação e teve como base os requisitos gerais existentes na IAS 1 sobre a divulgação nos relatórios financeiros, e a Estrutura Concetual existente (IFRS, 2017).

O IASB identificou três preocupações sobre o problema da divulgação: o facto de não haver informações relevantes suficientes; de estarem a ser divulgadas informações irrelevantes; e as informações relevantes nem sempre serem comunicadas com eficácia. A principal causa, é a dificuldade de aplicar o julgamento sobre quais as informações a serem divulgadas nas Demonstrações Financeiras e a dificuldade de determinar a maneira mais eficaz de organizar e comunicar as mesmas (IFRS, 2017).

Como estudado anteriormente, aquando da análise da IAS 1, é possível verificar que não existe obrigatoriedade na apresentação do EBIT e do EBITDA na Demonstração dos Resultados com adoção das IFRS (IFRS, 2018). Esta temática é abordada no projeto dos Princípios da Divulgação uma vez que deve ser clarificado como é que uma entidade divulga o EBIT e/ou EBITDA. Isto é, no caso do EBITDA uma vez que é um subtotal que apresenta as despesas por natureza, só deve ser apresentado na DRN. Se for apresentado na DRF irá distorcer a análise das despesas da DR. O EBIT, já não apresenta essa questão uma vez que pode ser apresentado tanto na DRN como na DRF que não distorce a análise da demonstração financeira (IFRS, 2017).

Ainda assim, após a conclusão do projeto, o IASB considerou que seria relevante este tema ser abordado com mais detalhe no projeto *Primary Financial Statements*, bem como as regras das DF's, a apresentação de itens pouco frequentes ou incomuns e a apresentação de medidas de desempenho (IFRS, 2017, 2019a).

2.3. Primary Financial Statements

Em dezembro de 2019 foi publicado pelo IASB o *Exposure Draft – General Presentation and Disclosures* no âmbito do projeto *Primary Financial Statements*, com propostas para melhorar a forma como a informação é comunicada nas DF's, com especial foco na informação divulgada na demonstração dos resultados (IFRS, 2019b).

O *Exposure Draft* (IFRS, 2019b) sugere que as entidades classifiquem os rendimentos e os gastos em 6 categorias: operacionais, investimento, financiamento, associadas e empreendimentos conjuntos, impostos e operações descontinuadas.

Assim, apresenta como proposta relativamente à divulgação da DR (IFRS, 2019b), a apresentação de subtotais como: *Operating Profit or loss; Operating profit or loss and income and expenses from integral associates and joint ventures; Profit or loss before financing and income tax; Profit or loss*. Os mesmos devem providenciar informação relevante e uma estrutura consistente na DR, melhorando assim a comparabilidade de DF's entre entidades.

Em relação às linhas que devem ser apresentadas na DR, adicionalmente ao que está definido na IAS 1, foram feitas as seguintes propostas de alteração/adição (IFRS, 2019b):

- *Share of the profit or loss of integral associates and joint ventures;*
- *Share of the profit or loss of non-integral associates and joint ventures;*
- *Cost of sales.*

A figura 3 é um exemplo de DR com os subtotais e categorias referidos anteriormente.

Figura 3 - Exemplo de DR com novos subtotais propostos

Revenue	X	Operating
Operating expenses	(X)	
Operating profit or loss	X	
Share of profit or loss of integral associates and joint ventures	X	Integral associates and joint ventures
Operating profit or loss and income and expenses from integral associates and joint ventures	X	
Share of profit or loss of non-integral associates and joint ventures	X	Investing
Income from investments	X	
Profit or loss before financing and income tax	X	
Interest revenue from cash and cash equivalents	X	Financing
Expenses from financing activities	(X)	
Unwinding of discount on pension liabilities and provisions	(X)	
Profit or loss before tax	X	

Fonte: *Exposure Draft – General Presentation and Disclosures* (IFRS, 2019b)

3. REVISÃO DE LITERATURA

A contabilidade, antes das *IFRS*, apresentava grandes diferenças nas práticas contábilísticas a nível internacional, o que conduziu à investigação acerca das razões das mesmas e à sua classificação em grupos de países (Stadler & Nobes, 2014). Estudos recentes (Kvaal & Nobes, 2010; Lourenço et al., 2015), sugerem que as diferenças contábilísticas pré-*IFRS* influenciam as opções adotadas por empresas que aplicam as *IFRS*.

A adoção mundial das *IFRS* resulta na harmonização das práticas contábilísticas entre os países, indicando assim que estes deveriam estar no mesmo grupo, mas o mesmo não acontece, as evidências das diferenças significativas ainda existem (Chen et al., 2010; Daske et al., 2013; Florou & Pope, 2012; Kim & Shi, 2012). É ainda, referido por Lourenço et al. (2015) que a introdução das *IFRS* não levou a uma redução significativa das diferenças entre as práticas contábilísticas nacionais e que as classificações dos sistemas contábilísticos perderam a sua relevância.

Sendo as *IFRS* consideradas pelos mercados como padrões contábilísticos de alta qualidade, é exigida uma maior extensão de divulgação, um aumento de transparência e uma limitação das funções da gestão (Daske et al., 2008). No entanto, como referido anteriormente, as diferenças na adoção das *IFRS* subsistem, influenciando a comparabilidade, ameaçando a transparência e a precisão pretendida nas DF's (Lucas & Lourenço, 2014).

O silêncio das *IFRS* sobre a classificação e/ou apresentação de certos itens nas DF's conduzem à diversidade das práticas contábilísticas. Nobes (2006) refere que os motivos que explicam a existência de versões nacionais da prática das *IFRS*, passam por lacunas, *accounting choices overt* (observáveis) e *covert* (não observáveis), critérios e interpretações vagos, estimativas de mensuração, transição ou problemas novos nas *IFRS*.

Apesar de existirem versões nacionais de aplicação das *IFRS*, é possível agrupar por grupos de países. Lourenço et al. (2015) sugerem a existência de 4 grupos de países na Europa: (1) países nórdicos (Suécia, Dinamarca, Finlândia e Noruega); (2) Reino Unido; (3) Rússia; (4) todos os outros países europeus (Suíça, França, Holanda, Alemanha, Bélgica, Polónia, Itália e Espanha). Num estudo mais abrangente, com países de diversos continentes, Lourenço et al.(2018) demonstram existir um aglomerado de países que podem ser designados como "influência americana".

Ainda assim, a longo prazo, a adoção das *IFRS* pode melhorar a comparabilidade das informações contábilísticas entre países devido à sua infraestrutura contábilística uniforme. No entanto, Yip e Young (2012) concluem que adoção obrigatória das *IFRS* não é suficiente para obter um aprimoramento completo da comparabilidade na UE e que é mais provável que a melhoria da comparabilidade ocorra entre empresas de ambientes institucionais semelhantes do que entre empresas de ambientes institucionais diferentes.

Entre os diversos fatores que podem explicar as diferenças nas práticas contábilísticas, potencialmente influentes do país, os mais enunciados são o sistema jurídico, o sistema de financiamento corporativo e a relação entre relatórios fiscais e financeiros, e por isso, identificados como fatores relevantes nas *IFRS* (Ball, 2006).

Investigadores consideram que a divulgação influencia a qualidade das decisões dos acionistas, afeta o custo do capital social, o custo da dívida e o bem-estar dos investidores. Assim, tentam perceber as atitudes das empresas em relação à divulgação contábilística e as razões por trás do fato de algumas empresas divulgarem mais informações do que outras (Chavent et al., 2006). O FASB declara que se deve evitar concentrar a atenção quase exclusivamente nos resultados finais e que os itens individuais, subtotais ou outras partes de uma demonstração financeira geralmente podem ser mais úteis do que o resultado final.

Aquando da escolha dos itens a divulgar nas Demonstrações Financeiras, mais especificamente na Demonstração dos Resultados, existe uma grande variedade desde a terminologia dos itens aos itens efetivamente divulgados. Alguns autores afirmam ainda que se o local onde a informação é divulgada for um local familiar para os investidores, estes prestam mais atenção (Chambers et al., 2007).

Como referido no capítulo anterior, a *IAS 1* (Apresentação das Demonstrações Financeiras) obriga a divulgação da participação nos lucros ou prejuízos de associadas e de empreendimentos conjuntos contabilizados pelo MEP na DR, sendo que a *IAS 28* (Investimentos em Associadas e Empreendimentos Conjuntos) aborda com mais detalhe esta matéria em específico. Ainda assim, nem a *IAS 1* nem a *IAS 28* especificam a localização exata da linha para esta divulgação na DR.

Lourenço et al. (2019) realizaram um estudo com empresas da União Europeia sobre os determinantes das escolhas de classificação de lucros ou perdas de associadas e *joint-ventures* pelo MEP dentro ou fora do resultado operacional. O estudo é composto por uma amostra de 242 entidades de 20 países da União Europeia que adotam as *IFRS*. Através do mesmo foi possível concluir que as empresas dos países Anglo-Saxónicos (Irlanda e Reino Unido) e dos países Nórdicos (Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia) são, significativamente, mais prováveis de classificarem o resultado do MEP dentro do resultado operacional que as suas contrapartes. Concluíram ainda que as empresas que apresentam lucro em associadas e *joint-ventures*, que tenham uma maior alavancagem, uma maior variação anual nas vendas e que sejam auditadas pelas *Big 4* (PwC, KPMG, EY, Deloitte) têm uma maior probabilidade de classificar o resultado do MEP dentro do resultado operacional.

Os subtotais mais discutidos sobre a sua divulgação na Demonstração dos Resultados é o resultado antes dos gastos de financiamentos e impostos, mais conhecido como Resultado Operacional ou *EBIT* e o resultado antes dos gastos de financiamentos, impostos, depreciações, amortizações, mais conhecido como *EBITDA*.

O *EBIT* é um subtotal bastante utilizado voluntariamente pelas empresas apesar da não obrigatoriedade por parte das IFRS na sua divulgação. Através de uma pesquisa realizada no estudo de Marshall e Lennard (2016), estes concluíram que 94% das empresas da amostra (841 entidades cotadas do Reino Unido) fazem referência do *Operating Profit* ou *Operating Income* tanto nas suas demonstrações financeiras como ao longo do relatório de contas. Linsmeier (2016) refere ainda que quando investe numa empresa, o resultado que tem mais interesse em observar é o resultado operacional, por ser o resultado que evidencia o retorno das principais atividades de negócio.

O *EBITDA* pelo SNC (Sistema de Normalização Contabilística) é um subtotal obrigatório da Demonstração dos Resultados por Natureza, mas o mesmo não se verifica nas normas internacionais (IFRS) como referido no capítulo anterior. Um estudo realizado por Albuquerque et al. (2017) sobre a divulgação do *EBITDA* de empresas cotadas em Portugal, conclui que apenas 27% das entidades que adotam as IFRS apresentam o *EBITDA* na demonstração dos resultados por natureza.

Em relação ao formato de apresentação da DR, Stadler e Nobes (2014) referem que nas normas internacionais de relato financeiro (IFRS), a escolha de uma política contabilística em relação ao mesmo é um dos vários tópicos em que a opção está disponível (problema de *Accounting Choice*).

Sendo os problemas de *Accounting Choice* uma preocupação por parte do IASB, foram criados os projetos referidos no capítulo anterior, de modo a tentar reduzir o problema, com alterações nas normas tornando-as mais específicas e não tão abrangentes.

4. METODOLOGIA

No presente capítulo é descrita a metodologia que suporta a abordagem à investigação, o modo de seleção da amostra e a forma de recolha de informação.

4.1. Abordagem

Esta dissertação segue uma abordagem empírica, iniciando-se a observação/recolha de dados, posteriormente confrontados com as suas bases teóricas, resultando numa mudança ou acréscimo de conhecimentos, face aos resultados obtidos.

Considerando que este estudo pretende identificar os fatores explicativos das escolhas na apresentação da DR por empresas que adotam as *IFRS*, segue-se uma metodologia de abordagem quantitativa, com recurso a ferramentas estatísticas. Todas as variáveis são números que traduzem informações passíveis de serem analisadas com recurso a métodos estatísticos, sendo, portanto, objetivas. As técnicas de análise são dedutíveis, permitindo uma abordagem focalizada, pontual e estruturada, pois pretende-se estabelecer relações significativas entre variáveis.

Este estudo inclui variáveis independentes, para as quais toda a informação necessária foi extraída das demonstrações financeiras dos Relatórios e Contas das respetivas empresas do índice *Europe 350 (USD)* da *S&P* 2019.

4.2. Seleção e caracterização da amostra

A amostra deste estudo é constituída por entidades com títulos admitidos à cotação de países da União Europeia (Reino Unido incluído), pertencentes ao índice *Europe 350 (USD)* da *S&P*, cujas demonstrações financeiras consolidadas são preparadas de acordo com o normativo internacional *IFRS*.

O índice é composto por 350 entidades, de diversos setores e países da União Europeia (Reino Unido incluído). Foram excluídas da amostra empresas do Setor Financeiro e do setor Seguros por apresentarem uma estrutura diferente na DR dos outros setores na adoção das *IFRS*. Foram ainda retirados 8 países e respetivas entidades à amostra inicial, a Áustria, Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Irlanda, Luxemburgo e a Suíça, por não apresentarem informações financeiras suficientes para a construção da base de dados.

Assim, amostra final é constituída por 140 entidades de 8 países da UE. Com o objetivo de analisar os determinantes das escolhas de apresentação da Demonstração dos Resultados por empresas que aplicam as *IFRS* nas demonstrações financeiras consolidadas, o foco recai apenas na DR Consolidada das 140 entidades.

A base de dados foi preparada manualmente, recolhendo das demonstrações dos resultados consolidadas dos relatórios de contas anuais das entidades da amostra, o tipo de demonstração dos resultados (por natureza ou por função), os subtotais apresentados e a posição onde o MEP é divulgado. Quando a entidade apresenta a informação na sua DR é classificado como 1 e quando não divulga a mesma é classificado como 0. Todos os dados estavam disponíveis nos *websites* das empresas em análise.

4.3. Modelo e variáveis

O objetivo desta dissertação é analisar os determinantes das escolhas de apresentação da Demonstração dos Resultados por empresas que aplicam as IFRS nas demonstrações financeiras consolidadas. Assim, o modelo de Regressão Logística Binária é o mais adequado uma vez que analisa a relação entre uma ou várias variáveis independentes e uma variável dependente de natureza binária.

Para a estimação dos modelos e respetivos testes estatísticos utilizou-se o software *SPSS 28* e um nível de significância de 0,05. Para estimar os modelos de regressão logística binária, recorreu-se ao método *Enter* que é um método em que as variáveis explicativas são introduzidas todas em conjunto.

As variáveis dependentes de cada modelo são dicotómicas, ou seja, é atribuído o valor “1” se a empresa se enquadrar numa determinada condição e “0” em caso contrário, sendo estas as condições: 1) a entidade apresenta a demonstração dos resultados por funções (*DRF*); 2) a entidade apresenta o resultado do MEP antes do subtotal EBIT na demonstração dos resultados (*Antes do EBIT*); 3) a entidade apresenta o subtotal Gross Profit na demonstração dos resultados por funções (*Gross Profit*); 4) a entidade apresenta o subtotal EBITDA na demonstração dos resultados por natureza (*EBITDA*).

As variáveis independentes agrupam-se em três grupos: as variáveis independentes constituídas por fatores geográficos (país), por características específicas de cada empresa (empresa) e por fatores de cada setor (setor).

Assim, as variáveis país são: países do sul da Europa (*EePeI* = Espanha, Portugal e Itália); Dinamarca e Suécia (*DeS* = Dinamarca e Suécia); Noruega e Finlândia (*NeF* = Noruega e Finlândia); e Reino Unido (*UK* = Reino Unido). Estas variáveis apresentam o valor “1” quando a sede das empresas da amostra pertença a cada grupo de países.

Por outro lado, as variáveis que refletem as características específicas das empresas são a dimensão da empresa (*SIZE* = logaritmo natural do total do ativo); o índice de alavancagem da empresa (*LEV* = Total do Passivo / Total do ativo); a rentabilidade do ativo (*RL_A* = Resultado Líquido / Total do Ativo); a % ações de capital fechado (*OWN* = % de ações da empresa que não são comercializadas em

bolsa de valores); o crescimento da empresa ($GROWHT$ = % do aumento das vendas do ano N-1 para o ano N); o fluxo de caixa operacional dividido pelo ativo (CF = Cash flow operacional / Total do Ativo); a empresa apresenta o subtotal EBIT negativo ($D_EBIT\ neg$, atribuindo o valor de “1” se a empresa apresentar o mesmo); a empresa apresenta o subtotal EBIT excluindo alguns rendimentos e gastos ($EBIT\ excluindo$, atribuindo o valor de “1” se a empresa apresentar o mesmo).

As variáveis setor são definidas por: o setor dos materiais básicos ($Basic\ Mat$, atribuindo o valor de “1” se a empresa pertencer ao mesmo); o setor dos consumos cíclicos e bens de consumo ($Consumers$, atribuindo o valor de “1” se a empresa pertencer ao mesmo); o setor da energia e utilidade pública ($UtilitiesEnergy$, atribuindo o valor de “1” se a empresa pertencer ao mesmo); o setor de serviços de saúde, tecnologia, telecomunicações e imobiliário.

Assim, foram criados 4 modelos de regressão logística binária com a seguinte equação, onde $g(x)$ assume uma diferente variável em cada modelo:

$$P(Y = 1) = \frac{1}{1 + e^{-g(x)}}$$

Na equação apresentada, o valor $P(Y=1)$ indica a probabilidade de as empresas apresentarem a DR com determinadas características (variável dependente de cada modelo), tendo por base as variáveis incluídas nos mesmos (variáveis independentes de cada modelo).

No primeiro modelo a variável que se pretende explicar, demonstração dos resultados por funções (DRF), é uma variável dicotómica, por isso é utilizado o modelo de regressão logística binária, de modo a analisarmos a probabilidade de as empresas apresentarem a demonstração dos resultados por funções, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor), que são do tipo contínuo ou *dummys*.

Sendo no 1º modelo: $g(x) = DRF_i$

$$(1) DRF_i = \beta_0 + \beta_1 EePe_i + \beta_2 DeS_i + \beta_3 NeF_i + \beta_4 UK_i + \beta_5 CF_i + \beta_6 SIZE_i + \beta_7 RL_A_i + \beta_8 GROWTH_i + \beta_9 LEV_i + \beta_{10} OWN_i + \beta_{11} Basic\ Mat_i + \beta_{12} Consumers_i + \beta_{13} UtilitiesEnergy_i + \beta_{14} ServicesTeTeFeRE_i + \beta_{15} D_EBIT\ neg_i + \varepsilon_{i,t}$$

No segundo modelo a variável que se pretende explicar, o resultado do MEP antes do subtotal EBIT (Antes do EBIT), é uma variável dicotómica, por isso é utilizado o modelo de regressão logística binária, de modo a analisarmos a probabilidade de as empresas apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor), que são do tipo contínuo ou *dummys*.

Sendo no 2º modelo: $g(x) = \text{Antes do EBIT}_i$

$$(2) \text{ Antes do EBIT}_i = \beta_0 + \beta_1 \text{EePel}_i + \beta_2 \text{DeS}_i + \beta_3 \text{NeF}_i + \beta_4 \text{UK}_i + \beta_5 \text{CF}_i + \beta_6 \text{SIZE}_i + \beta_7 \text{RL_A}_i + \beta_8 \text{GROWTH}_i + \beta_9 \text{LEV}_i + \beta_{10} \text{OWN}_i + \beta_{11} \text{Basic Mat}_i + \beta_{12} \text{Consumers}_i + \beta_{13} \text{UtilitiesEnergy}_i + \beta_{14} \text{ServicesTeTeFeRE}_i + \beta_{15} D_EBIT \text{ neg}_i + \beta_{16} \text{EBIT excluindo alguns rendimentos e gastos}_i + \varepsilon_{i,t}$$

No terceiro modelo a variável que se pretende explicar, *Gross Profit*, é uma variável dicotômica, por isso é utilizado o modelo de regressão logística binária, de modo a analisarmos a probabilidade de as empresas apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor), que são do tipo contínuo ou *dummys*.

Sendo no 3º modelo: $g(x) = \text{Gross Profit}_i$

$$(3) \text{ Gross Profit}_i = \beta_0 \beta_1 \text{EePel}_i + \beta_2 \text{DeS}_i + \beta_3 \text{NeF}_i + \beta_4 \text{UK}_i + \beta_5 \text{CF}_i + \beta_6 \text{SIZE}_i + \beta_7 \text{RL_A}_i + \beta_8 \text{GROWTH}_i + \beta_9 \text{LEV}_i + \beta_{10} \text{OWN}_i + \beta_{11} \text{Basic Mat}_i + \beta_{12} \text{Consumers}_i + \beta_{13} \text{UtilitiesEnergy}_i + \beta_{14} \text{ServicesTeTeFeRE}_i + \beta_{15} D_EBIT \text{ neg}_i + \varepsilon_{i,t}$$

No quarto modelo a variável que se pretende explicar, *EBITDA*, é uma variável dicotômica, por isso é utilizado o modelo de regressão logística binária, de modo a analisarmos a probabilidade de as empresas apresentarem o subtotal *EBITDA* na Demonstração dos Resultados por Natureza, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor), que são do tipo contínuo ou *dummys*.

Sendo no 4º modelo: $g(x) = \text{EBITDA}_i$

$$(4) \text{ EBITDA}_{i,t} = \beta_0 \beta_0 \beta_1 \text{EePel}_i + \beta_2 \text{DeS}_i + \beta_3 \text{NeF}_i + \beta_4 \text{UK}_i + \beta_5 \text{CF}_i + \beta_6 \text{SIZE}_i + \beta_7 \text{RL_A}_i + \beta_8 \text{GROWTH}_i + \beta_9 \text{LEV}_i + \beta_{10} \text{OWN}_i + \beta_{11} \text{Basic Mat}_i + \beta_{12} \text{Consumers}_i + \beta_{13} \text{UtilitiesEnergy}_i + \beta_{14} \text{ServicesTeTeFeRE}_i + \beta_{15} D_EBIT \text{ neg}_i + \varepsilon_{i,t}$$

5. RESULTADOS

5.1. Análise descritiva

5.1.1. DR por função *versus* DR por natureza

A tabela 1 indica o número de empresas que apresenta a DRF e DRN em cada um dos países objeto de análise. É possível verificar que se encontra equilibrado o tipo de Demonstração dos Resultados (DR) apresentada, uma vez que tanto a Demonstração dos Resultados por Funções (DRF) como a Demonstração dos Resultados por Natureza (DRN) são apresentadas por 70 empresas da nossa amostra.

Analisando por país, a maioria das empresas na Dinamarca, Suécia e no Reino Unido apresentam a DRF, enquanto na Finlândia e em Espanha a maioria das empresas apresentam por natureza, existindo ainda dois países em que as empresas analisadas só apresentam DRN e nenhum apresenta a DRF, sendo estes Portugal e Noruega. O contrário já não se verifica, ou seja, todos os países que fazem parte da base de dados, têm pelo menos uma empresa que apresenta a DRN, não existe nenhum em que as suas empresas divulguem apenas a DRF.

Importa ainda realçar países como a Suécia, que é representada por 18 empresas, divulgando 17 destas a DRF e apenas 1 por natureza, enquanto Espanha apresenta uma tendência contrária, das 14 empresas, 13 divulgam a DRN e apenas 1 a DRF.

Tabela 1 - Apresentação da DRF versus DRN

PAÍS	DRF		DRN		TOTAL
	nº entidades	%	nº entidades	%	
Dinamarca	8	73%	3	27%	11
Finlândia	3	30%	7	70%	10
Itália	5	38%	8	62%	13
Noruega	0	0%	6	100%	6
Portugal	0	0%	2	100%	2
Espanha	1	7%	13	93%	14
Suécia	17	94%	1	6%	18
Reino Unido	36	55%	30	45%	66
TOTAL	70	50%	70	50%	140

5.1.2. Resultados intermédios apresentados na Demonstração dos Resultados

A tabela 2 indica o número de empresas que apresenta cada um dos resultados intermédios mais frequentes da DRF em cada um dos países objeto de análise.

Os subtotais apresentados neste tipo de demonstração são: *Gross Profit*, *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, *EBIT* e o *EBT*. O *EBITDA* não faz parte desta análise uma vez que o *EBITDA* é um subtotal presente apenas na DRN.

A percentagem relativa em cada resultado intermédio corresponde ao número de entidades de determinado país que apresentam o subtotal, em relação ao número total de entidades que apresentam a DRF do mesmo país.

O *Gross Profit* é apresentado por 83% das empresas que apresentam a DRF, destacando a Finlândia, Espanha e Suécia onde todas as entidades da amostra dos mesmos apresentam este resultado intermédio. Por outro lado, a Itália apresenta uma adesão inferior a 50% deste subtotal.

O *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, é apresentado por apenas 14% das empresas que apresentam a DRF, salientando que apenas a Dinamarca e o Reino Unido da nossa amostra é que apresentam este subtotal, ainda assim, em menos de 50% das suas empresas.

O *EBIT* é apresentado por todas as empresas que apresentam a DRF na Finlândia, Espanha e Suécia. A Dinamarca e o Reino Unido também apresentam uma percentagem bastante elevada acima dos 88%, sendo o único país com menos de 50% a apresentar o *EBIT* nas DRF é a Itália (40%).

O *EBT* é apresentado em 67 entidades das 70 que apresentam a DRF. É de realçar que neste subtotal só está o Resultado antes de imposto e não foi considerado o *Profit before taxes from continuing operations* como *EBT*, o que explica o facto deste subtotal não estar a 100%.

Tabela 2 - Apresentação dos Resultados intermédios na DRF

PAÍS	Gross Profit		EBIT exceto alguns rendimentos e gastos		EBIT		EBT	
	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%
Dinamarca	7	88%	3	38%	7	88%	8	100%
Finlândia	3	100%	0	0%	3	100%	3	100%
Itália	1	20%	0	0%	2	40%	5	100%
Noruega	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Portugal	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Espanha	1	100%	0	0%	1	100%	0	0%
Suécia	17	100%	0	0%	17	100%	17	100%
Reino Unido	29	81%	7	19%	35	97%	34	94%
TOTAL	58	83%	10	14%	65	93%	67	96%

A tabela 3 indica o número de empresas que apresenta cada um dos resultados intermédios mais frequentes da DRN em cada um dos países objeto de análise.

Os subtotais apresentados neste tipo de demonstração são: *Gross Profit*, *EBITDA*, *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, *EBIT* e *EBT*.

A percentagem obtida em cada resultado intermédio corresponde ao número de entidades de determinado país que apresentam o subtotal, em relação ao número total de entidades que apresentam a DRN do mesmo país (valores presentes na coluna do *Profit for the year*).

O *Gross Profit*, apesar de ser um subtotal mais utilizado na DRF, este é apresentado em apenas 6 entidades das 70 que apresentam a DRN.

O *EBITDA* é apresentado por 26% das empresas que apresentam a DRN. Todas as empresas da nossa amostra da Dinamarca e da Suécia apresentam este subtotal quando apresentam a DRN, sendo que todas as empresas dos outros países apresentam menos de 50%.

O *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos é apresentado apenas nas empresas da Dinamarca (33%), Noruega (33%) e no Reino Unido (30%). Enquanto o *EBIT* é apresentado por 68 entidades (97%) das 70 que apresentam a DRN.

O *EBT* é apresentado por 94% das empresas, como referido na análise dos resultados intermédios na DRF, este não apresenta 100% devido a não serem considerados *Profit before taxes from continuing operations* como *EBT*.

Tabela 3 - Apresentação dos Resultados intermédios na DRN

PAÍS	Gross Profit		EBITDA		EBIT exceto alguns rendimentos e gastos		EBIT		EBT	
	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%
Dinamarca	1	33%	3	100%	1	33%	2	67%	3	100%
Finlândia	0	0%	1	14%	0	0%	7	100%	7	100%
Itália	0	0%	1	13%	0	0%	8	100%	6	75%
Noruega	0	0%	1	17%	2	33%	6	100%	6	100%
Portugal	0	0%	1	50%	0	0%	1	50%	1	50%
Espanha	2	15%	6	46%	0	0%	13	100%	12	92%
Suécia	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%	1	100%
Reino Unido	3	10%	4	13%	9	30%	30	100%	30	100%
TOTAL	6	9%	18	26%	12	17%	68	97%	66	94%

As demonstrações dos resultados das empresas analisadas apresentam uma grande diversidade no que respeita à terminologia utilizada. Foram observados 75 termos diferentes, por isso, realizou-se uma agregação por 6 subtotais principais presentes nas Demonstrações dos Resultados: *Gross Profit*, *EBITDA*, *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, *EBIT*, *EBT* e *Profit for the year*.

O *Gross Profit*, considerado como a margem bruta, é um subtotal com pouca diversidade na terminologia, ainda assim as terminologias mais utilizadas além de *Gross Profit* são: *Gross margin*, *Gross income* e *Gross result*.

O *EBITDA* apresenta alguma diversidade apesar de não ser um subtotal muito frequente na nossa amostra. Algumas terminologias utilizadas pelas entidades consideradas como *EBITDA* são: *Operating Profit before depreciation and amortisation*, *Operating Income before depreciation and amortization (OIBDA)*, *Gross Operating results* e *Adjusted Operating Profit*.

O *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, é utilizado muitas vezes antes do *EBIT*, sendo que a diferença entre estes é a aplicação do MEP das entidades. É utilizado por vezes também de modo a distinguir os resultados correntes não correntes. Assim, algumas terminologias deste subtotal

apresentadas na amostra são: *Operating income from ordinary activities*, *Operating Margin* e *Operating profit before joint ventures and associates*.

O *EBIT*, conhecido como o Resultado Operacional (RO), é o subtotal que mais diversidade apresentou na amostra. O termo mais utilizado é o *Operating Profit*, seguidamente o *Operating income*, *Operating result* e *Income from operations*. Existindo ainda entidades que divulgam o *EBIT*, como sendo o resultado depois do MEP, como por exemplo: *Operating income including share in net earnings of equity-accounted companies* e *Income of operating activities after share in net income of equity affiliates*.

O *EBT* (Resultado Antes de Imposto - RAI) e o *Profit for the year* (Resultado Líquido - RL), apesar de serem apresentados com diferentes terminologias, a análise das terminologias para estes subtotais não foi o nosso foco.

5.1.3. Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na Demonstração dos Resultados

A apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP nas Demonstrações dos Resultados também exige uma análise detalhada, uma vez que existe diversidade sobre o local onde esta informação é divulgada (nomeadamente ser incluído ou excluído do *EBIT*).

De modo a tornar esta análise mais consistente, só foram consideradas empresas que apresentassem uma linha na DR com evidência de utilização do MEP e empresas que apresentassem o *EBIT*.

Assim, como realizado anteriormente, iremos dividir a análise entre empresas que apresentam o MEP na DRF e empresas que apresentam na DRN.

As percentagens referem-se ao número total de empresas que apresentam a DR por funções ou por natureza, não entrando o efeito do MEP.

Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRF

A tabela 4 indica a apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRF. É realizada em 49 entidades das 70 entidades que apresentam a DRF, sendo mais frequente a divulgação destes resultados antes do *EBIT* (41%), seguindo-se as empresas que apresentam depois do *EBIT* antes do *EBT* (29%) e por fim depois do *EBT* (0%).

A Suécia destaca-se uma vez que todas as entidades que divulgam o MEP nas suas DRF divulgam-no antes do *EBIT*. Em Espanha e na Dinamarca o mesmo ocorre, mas a divulgação é depois do *EBIT* e antes do *EBT*.

Tabela 4 - Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRF

PAÍS	Antes do EBIT		Depois do EBIT e antes EBT		Depois do EBT		TOTAL
	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%	
Dinamarca	0	0%	3	38%	0	0%	3
Finlândia	1	33%	1	33%	0	0%	2
Itália	0	0%	0	0%	0	0%	0
Noruega	0	0%	0	0%	0	0%	0
Portugal	0	0%	0	0%	0	0%	0
Espanha	0	0%	1	100%	0	0%	1
Suécia	14	82%	0	0%	0	0%	14
Reino Unido	14	39%	15	42%	0	0%	29
TOTAL	29	41%	20	29%	0	0%	49

Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRN

A tabela 5 indica a apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRN. É realizada em 61 entidades das 70 entidades que apresentam a DRN, sendo mais frequente a divulgação destes resultados depois do *EBIT* e antes do *EBT* (53%), seguindo-se as empresas que apresentam antes do *EBIT* (33%) e por fim depois do *EBT* (1%).

Portugal destaca-se uma vez que todas as entidades que divulgam o MEP nas suas DRN divulgam-no depois do *EBIT* e antes do *EBT*. Na Suécia o mesmo ocorre, mas a divulgação é antes do *EBIT*.

Tabela 5 - Apresentação dos resultados associados à aplicação do MEP na DRN

PAÍS	Antes do EBIT		Depois do EBIT e antes EBT		Depois do EBT		TOTAL
	nº entidades	%	nº entidades	%	nº entidades	%	
Dinamarca	1	33%	1	33%	0	0%	2
Finlândia	4	57%	3	43%	0	0%	7
Itália	1	13%	7	88%	0	0%	8
Noruega	4	67%	2	33%	0	0%	6
Portugal	0	0%	1	50%	0	0%	1
Espanha	1	8%	11	85%	1	8%	13
Suécia	1	100%	0	0%	0	0%	1
Reino Unido	11	37%	12	40%	0	0%	23
TOTAL	23	33%	37	53%	1	1%	61

Alguns exemplos de denominações de divulgação do MEP encontradas na amostra são: *Earnings from associates and joint-ventures*, *Share in net income of equity-accounted investments* e *Income and expense from equity investments*.

5.2. Análise da Regressão Logística

5.2.1. Modelo 1 – DRF versus DRN

O 1º modelo, como referido anteriormente, pretende explicar a probabilidade de as empresas apresentarem a demonstração dos resultados por funções (DRF), tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor).

O Modelo 1 de Regressão Logística Binária originou o seguinte *output*:

Tabela 6 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 1

	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
Modelo 1	0,290	0,389

	B	p-value
SIZE	-0,029	0,854
RL_A	-2,006	0,702
LEV	-0,869	0,371
CF	0,148	0,973
GROWTH	-0,690	0,660
OWN	-2,174	0,011
EePel	-1,188	0,038
DeS	1,740	0,007
NeF	-2,309	0,002
UK	-0,824	0,037
Consumers	1,694	<0,001
UtilitiesEnergy	-1,479	0,040
ServicesHeTeTeFeRE	1,234	0,005
Basic Mat	0,953	0,086
D_EBIT neg	1,929	0,032
Constante	1,318	0,634

Variável dependente: DRF

Variáveis independentes: SIZE, RL_A, LEV, CF, GROWTH, OWN, EePel, DeS, NeF, UK, Consumers, UtilitiesEnergy, ServicesTeTeFeRE, Basic Mat, D_EBIT neg

Analisando a tabela 6 é possível concluir que as empresas com sede na Dinamarca e na Suécia ($B = 1,740$ e $p\text{-value} = 0,007 < 0,05$) apresentam maior probabilidade de divulgar a Demonstração dos Resultados por Funções. As empresas com sede no Sul da Europa ($B = -1,188$ e $p\text{-value} = 0,038 < 0,05$), os países nórdicos, como a Noruega e Finlândia ($B = -2,309$ e $p\text{-value} = 0,002 < 0,05$) e o Reino Unido ($B = -0,824$ e $p\text{-value} = 0,037 < 0,05$) apresentam uma relação negativa na probabilidade de divulgarem a DRF.

Analisando os determinantes financeiros das empresas da nossa amostra, é possível concluirmos que as empresas que detêm uma maior percentagem de ações de capital fechado ($B = -2,174$ e $p\text{-value} = 0,011 < 0,05$) têm uma relação negativa com a probabilidade de divulgarem a DRF, e as que

apresentaram na sua DR o subtotal *EBIT* negativo ($B = 1,929$ e $p\text{-value} = 0,032 < 0,05$) têm uma relação positiva com a probabilidade de divulgarem a DRF.

Por último, em análise aos determinantes de setor podemos concluir que as empresas dos setores de bens de consumo ($B = 1,694$ e $p\text{-value} = <0,001 < 0,05$) e serviços ($B = 1,234$ e $p\text{-value} = 0,005 < 0,05$) são os que têm uma maior probabilidade de optarem pelo Demonstração dos Resultados por Funções. O setor da Energia apresenta uma relação negativa ($B = -1,479$ e $p\text{-value} = 0,040 < 0,05$) com a probabilidade de divulgação da DRF.

Através da Tabela 6 podemos concluir também, quanto à validade global do modelo, o valor do *Cox & Snell R Square* varia entre 0 e 0,75, bem como o valor do *Nagelkerke R Square*. Sendo que este último é um ajuste do *Cox & Snell R Square*. Assim, é possível concluir pelo *Cox & Snell R Square* que 29% da variação da DRF é explicada pela variação do conjunto das variáveis explicativas e pelo *Nagelkerke R Square* que o modelo é capaz de explicar 38,9% das variações registadas na variável dependente.

5.2.2. Modelo 2 – Apresentação do MEP antes ou depois do EBIT

O 2º modelo, como referido anteriormente, pretende explicar a probabilidade de as empresas apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor).

O Modelo 2 de Regressão Logística Binária originou o seguinte *output*:

Tabela 7 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 2

	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
Modelo 2	0,267	0,379

	B	p-value
SIZE	0,092	0,593
RL_A	-4,859	0,378
LEV	2,392	0,020
CF	-1,856	0,706
GROWTH	-3,645	0,116
OWN	0,645	0,472
D_EBIT neg	1,494	0,080
EBIT excluindo	1,135	0,004
EePel	-1,393	0,095
DeS	2,313	<0,001
NeF	2,090	0,002
UK	1,021	0,017
Consumers	-1,077	0,016
UtilitiesEnergy	-0,842	0,177
ServicesHeTeTeFeRE	-1,247	0,018
Basic Mat	0,545	0,327
Constante	-3,769	0,219

Variável dependente: *Antes do EBIT*

Variáveis independentes: *SIZE, RL_A, LEV, CF, GROWTH, OWN, EePel, DeS, NeF, UK, Consumers, UtilitiesEnergy, ServicesTeTeFeRE, Basic Mat, D_EBIT neg, EBITexcluindo*

Analisando a tabela 7 é possível concluir que os determinantes financeiros que explicam a probabilidade das empresas apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT, são o índice de alavancagem ($B = 2,392$ e $p\text{-value} = 0,020 < 0,05$), empresas com apresentação de um EBIT negativo ($B = 1,494$ e $p\text{-value} = 0,080 < 0,05$), e com apresentação do subtotal EBIT excluindo alguns rendimentos e gastos ($B = 1,135$ e $p\text{-value} = 0,004 < 0,05$).

Por outro lado, ao nível dos determinantes geográficos, é possível observarmos que as empresas com sede nos países nórdicos, como a Dinamarca e Suécia ($B = 2,313$ e $p\text{-value} = <0,001 < 0,05$) e a Noruega e Finlândia ($B = 2,090$ e $p\text{-value} = 0,002 < 0,05$), e no Reino Unido ($B = 1,021$ e $p\text{-value} = 0,017 < 0,05$) são mais prováveis de apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT.

Em termos de setores, o modelo apresenta-nos uma relação negativa no setor dos Serviços ($B = -1,247$ e $p\text{-value} = 0,018 < 0,05$) e no setor dos bens de consumo ($B = -1,077$ e $p\text{-value} = 0,016 < 0,05$).

Através da tabela 7 podemos concluir também, quanto à validade global do modelo, o valor do *Cox & Snell R Square* varia entre 0 e 0,75, bem como o valor do *Nagelkerke R Square*. Sendo que este último é um ajuste do *Cox & Snell R Square*. Assim, é possível concluir pelo *Cox & Snell R Square* que 26,7% da variação das empresas apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal EBIT é explicada

pela variação do conjunto das variáveis explicativas e pelo *Nagelkerke R Square* que o modelo é capaz de explicar 37,9% das variações registadas na variável dependente.

5.2.3. Modelo 3 – Gross Profit na DRF

O 3º modelo, como referido anteriormente, pretende explicar a probabilidade de as empresas apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor).

O Modelo 3 de Regressão Logística Binária originou o seguinte *output*:

Tabela 8 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 3

	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
Modelo 3	0,149	0,232

	B	p-value
SIZE	-0,062	0,793
RL_A	12,614	0,218
LEV	-1,073	0,528
CF	-11,440	0,182
GROWTH	-3,792	0,094
OWN	-1,366	0,313
D_EBIT neg	2,204	0,149
EePel	-1,333	0,175
DeS	2,329	0,037
NeF	19,428	0,999
UK	-0,012	0,984
Consumers	1,009	0,135
UtilitiesEnergy	-0,449	0,751
ServicesHeTeTeFeRE	1,026	0,156
Basic Mat	0,869	0,325
Constante	2,973	0,469

Variável dependente: *Gross Profit*

Variáveis independentes: *SIZE, RL_A, LEV, CF, GROWTH, OWN, EePel, DeS, NeF, UK, Consumers, UtilitiesEnergy, ServicesTeTeFeRE, Basic Mat, D_EBIT neg*

Através da tabela 8 é possível concluir que não existem determinantes financeiros nem de setores que explicam a probabilidade das empresas apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções.

Em relação aos determinantes geográficos, é possível observarmos que as empresas com sede nos países nórdicos, como a Dinamarca e Suécia ($B = 2,329$ e $p\text{-value} = 0,037 < 0,05$) são mais prováveis de apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções.

Através da tabela é possível concluir também, pelo *Cox & Snell R Square* que 14,9% da variação das empresas apresentarem o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções é explicada pela variação do conjunto das variáveis explicativas e pelo *Nagelkerke R Square* que o modelo é capaz de explicar 23,2% das variações registradas na variável dependente.

5.2.4. Modelo 4 – EBITDA na DRN

O 4º modelo, como referido anteriormente, pretende explicar a probabilidade das empresas apresentarem o subtotal *EBITDA* na Demonstração dos Resultados por Natureza, tendo por base as várias variáveis explicativas ou independentes (fatores país, fatores empresa ou fatores setor).

O Modelo 4 de Regressão Logística Binária originou o seguinte *output*:

Tabela 9 - Resultados da Regressão Logística - Modelo 4

	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
Modelo 4	0,239	0,351

	B	Sig.
SIZE	-0,203	0,494
RL_A	-11,080	0,315
LEV	1,070	0,548
CF	7,985	0,222
GROWTH	-2,518	0,505
OWN	3,047	0,020
D_EBIT neg	-19,724	0,999
EePel	0,337	0,611
DeS	22,988	0,999
NeF	-0,869	0,380
UK	-0,275	0,727
Consumers	-0,472	0,579
UtilitiesEnergy	-0,546	0,515
ServicesHeTeTeFeRE	0,552	0,460
Basic Mat	0,389	0,722
Constante	0,648	0,904

Variável dependente: *EBITDA*

Variáveis independentes: *SIZE, RL_A, LEV, CF, GROWTH, OWN, EePel, DeS, NeF, UK, Consumers, UtilitiesEnergy, ServicesTeTeFeRE, Basic Mat, D_EBIT neg*

A tabela 9 evidencia que existe um determinante financeiro que influencia o modelo. As empresas que detêm uma maior percentagem de ações de capital fechado ($B = 3,047$ e $p\text{-value} = 0,020 < 0,05$) são mais prováveis de apresentarem o subtotal *EBITDA* na Demonstração dos Resultados por Natureza. No entanto, não existem determinantes geográficos nem de setores que expliquem o modelo.

Através da tabela é possível concluir também, pelo *Cox & Snell R Square* que 23,9% da variação das empresas apresentarem o subtotal *EBITDA* na Demonstração dos Resultados por Natureza é explicada pela variação do conjunto das variáveis explicativas e pelo *Nagelkerke R Square* que o modelo é capaz de explicar 35,1% das variações registradas na variável dependente.

5.2.5. Pressuposto da ausência de multicolinearidade

O modelo de Regressão Logística tem como pressuposto a ausência de multicolinearidade, ou seja, as variáveis independentes não podem estar correlacionadas entre si, uma vez que tornariam o modelo confuso não sendo possível identificar os fatores explicativos da variável dependente.

Para testar o pressuposto é necessário fazer um teste à multicolinearidade, com auxílio do programa SPSS, em que os valores das estatísticas de *Tolerance* e de Fator de Inflação de Variância (VIF) devem ser respectivamente superiores a 0,1 e inferiores a 10.

Tabela 10 - Multicolinearidade entre as variáveis

	Tolerance	VIF
SIZE	0,626	1,596
RL_A	0,336	2,978
LEV	0,820	1,219
CF	0,415	2,408
GROWTH	0,854	1,171
OWN	0,761	1,315
EePel	0,732	1,366
DeS	0,796	1,256
NeF	0,859	1,164
UK	0,698	1,433
Consumers	0,567	1,762
UtilitiesEnergy	0,615	1,626
ServicesHeTeTeFeRE	0,586	1,708
Basic Mat	0,698	1,433
EBIT excluindo	0,895	1,118
D_EBIT neg	0,781	1,281

Assim, por observação da tabela 10 verificamos que o pressuposto é cumprido, existindo ausência de multicolinearidade entre as variáveis independentes dos modelos.

Através da análise dos resultados é possível corroborarmos com estudos identificados anteriormente.

É possível notarmos que o *EBIT* é um subtotal bastante utilizado voluntariamente pelas empresas apesar da não obrigatoriedade por parte das IFRS na sua divulgação. Através da nossa amostra, 95%

das empresas (133 entidades) fazem referência a este subtotal, assim como Marshall e Lennard (2016), que concluíram que 94% das empresas do seu estudo fazem referência do *Operating Profit* ou *Operating Income* tanto nas suas demonstrações financeiras como ao longo do relatório de contas.

Por outro lado, o *EBITDA* que é um subtotal de apresentação obrigatória pelo SNC e não pelas *IFRS*, é apresentado por 26% das entidades que adotam as *IFRS* na DRN, assim como o estudo realizado por Albuquerque et al. (2017), que conclui que apenas 27% das empresas cotadas em Portugal o divulgam na sua DRN.

No primeiro modelo, concluímos que as empresas com sede nos países nórdicos (Dinamarca e Suécia), que apresentam o subtotal *EBIT* negativo, e as que são do setor de bens de consumo e de serviços, apresentam maior probabilidade de divulgar a DRF.

O segundo modelo, sugere-nos que as empresas que tenham uma maior alavancagem, que apresentem o subtotal *EBIT* negativo e que apresentem o subtotal *EBIT* excluindo alguns rendimentos e gastos, têm uma maior probabilidade de apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal *EBIT*. Em relação a fatores geográficos, as empresas com sede nos países nórdicos, como a Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia e com sede no Reino Unido são mais prováveis de apresentarem o resultado do MEP antes do subtotal *EBIT*, sendo que, o inverso foi identificado em estudos anteriores (Lourenço et al., 2019).

A apresentação o subtotal *Gross Profit* na Demonstração dos Resultados por Funções, no terceiro modelo do nosso estudo, é mais provável em empresas com sede nos países nórdicos (Dinamarca e Suécia).

Por fim, as empresas que detêm uma maior percentagem de ações de capital fechado são mais prováveis de apresentarem o subtotal *EBITDA* na DRN, segundo o quarto modelo.

6. CONCLUSÕES

Nos últimos anos a tentativa de harmonização contabilística tem sido alvo de debate internacional. Neste contexto, esta dissertação aborda os determinantes/fatores explicativos das escolhas adotadas pelas empresas na preparação da DR com a adoção das IFRS.

O objetivo geral desta dissertação foi perceber, perante a necessidade de *Accounting Choice*, a razão que leva à diversificação da apresentação da DR por parte das empresas. Ou seja, verificar se os fatores que influenciam a escolha são fatores característicos das empresas, geográficos ou setoriais.

Este estudo permitiu demonstrar a diversidade de denominações de subtotais existentes nas DR, bem como a diversidade dos subtotais apresentados, sendo o EBIT um subtotal bastante utilizado voluntariamente pelas empresas, representado por 95% na nossa amostra, e o EBITDA utilizado em apenas 26% das empresas que apresentam a DRN com adoção das IFRS.

Com base na análise dos modelos de regressão binária logística, os resultados obtidos permitem responder à proposta inicial deste trabalho. Concluiu-se que após uma análise estatística que as empresas com sede na Dinamarca e Suécia, do setor de bens e consumo e do setor de serviços são mais prováveis de apresentarem a DR por funções. As empresas com sede nos países nórdicos (Dinamarca, Suécia, Finlândia e Noruega) e no Reino Unido têm maior probabilidade de apresentar o resultado do MEP antes do subtotal EBIT, bem como as empresas que apresentam um maior índice de alavancagem, o subtotal EBIT negativo e o subtotal EBIT excluindo alguns rendimentos e gastos. A apresentação do subtotal *Gross Profit* na DRF é mais provável em empresas com sede nos países nórdicos (Dinamarca e Suécia). As empresas que detêm uma maior percentagem de ações de capital fechado são mais prováveis de apresentarem o subtotal *EBITDA* na DRN.

Em suma, os resultados deste estudo revelam que existe uma grande diversidade nas divulgações dos reportes financeiros, e que existem fatores explicativos das escolhas por parte das empresas na preparação da DR com adoção das IFRS.

Como sugestão de pesquisa futura, outras análises podiam ser feitas, destacando-se a possibilidade de elaborar um estudo alargando a amostra, como por exemplo, países não só da União Europeia, diferenciando os resultados em função dos três determinantes/fatores explicativos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alanezi, F.S. & Albuloushi, S.S. (2011). Does the existence of voluntary audit committees really affect IFRS-required disclosure? The Kuwaiti evidence. *International Journal of Disclosure and Governance*, 8(2): 148-173.
- Al-Akra, M. & Ali, M. (2010). The value relevance of corporate voluntary disclosure in the Middle-East – The case of Jordan. *Journal of Accounting and Public Policy*, 31(5): 533-549.
- Albuquerque, F., Marcelino, M., & Cariano, A. (2017). A comparabilidade do EBITDA reportado pelas entidades cotadas em Portugal. *European Journal of Applied Business Management*, 3(3): 63–83.
- Ball, R. 2006. International financial reporting standards (IFRS): Pros and cons for investors. *Accounting and Business Research*, 36(SPEC. ISS): 5–27.
- Chambers, D., Linsmeier, T. J., Shakespeare, C., & Sougiannis, T. (2007). An evaluation of SFAS No. 130 comprehensive income disclosures. *Review of Accounting Studies*, 12(4): 557–593.
- Chavent, M., Ding, Y., Fu, L., Stolowy, H., & Wang, H. (2006). Disclosure and determinants studies : An extension with the divisive clustering method (DIV). *European Accounting Review*, 15(2): 181–218.
- Chen, H., Tang, Q., Jiang, Y., & Lin, Z. (2010). The role of international financial reporting standards in accounting quality: Evidence from the European Union. *Journal of International Financial Management and Accounting*, 21(3): 220–278.
- Daske, H., Hail, L., Leuz, C., & Verdi, R. (2008). Mandatory IFRS Reporting around the World: Early Evidence on the Economic Consequences. *Journal of Accounting Research (Wiley-Blackwell)*, 46(5): 1085–1142.
- Daske, H., Hail, L., Leuz, C., & Verdi, R. (2013). Adopting a Label: Heterogeneity in the Economic Consequences Around IAS/IFRS Adoptions. *Journal of Accounting Research*, 51(3): 495–547.
- Florou, A., & Pope, P. F. (2012). Mandatory IFRS adoption and institutional investment decisions. *Accounting Review*, 87(6): 1993–2025.
- IFRS. (2017). Disclosure Initiative: Principles of Disclosure (Discussion Paper). *IFRS Staff Paper*, (March): 1–17.
- IFRS. (2018). IAS 1: Presentation of Financial Statements. *IFRS Staff Paper*, (October 2018): 41–61.
- IFRS. (2019a). Disclosure Initiative: Principles of Disclosure (Project Summary). *IFRS Staff Paper*, (March): 1–17.
- IFRS. (2019b). General Presentation and Disclosures. *IFRS Staff Paper*, (December 2019): 102.
- Kim, J. B., & Shi, H. 2012. IFRS reporting, firm-specific information flows, and institutional environments: International evidence. *Review of Accounting Studies*, 17(3): 474–517.
- Kvaal, E., & Nobes, C. (2010). International differences in IFRS policy choice: A research note.

- Accounting and Business Research*, 40(2): 173–187.
- Linsmeier, T. J. (2016). Revised model for presentation in statement(s) of financial performance: Potential implications for measurement in the conceptual framework. *Accounting Horizons*, 30(4): 485–498.
- Lourenço, I. C., Sarquis, R., Branco, M. C., & Magro, N. (2018). International Differences in Accounting Practices Under IFRS and the Influence of the US. *Australian Accounting Review*, 28(4): 468–481.
- Lourenço, I. C., Sarquis, R., Branco, M. C., & Pais, C. (2015). Extending the Classification of European Countries by their IFRS Practices: A Research Note. *Accounting in Europe*, 12(2): 223–232.
- Lourenço, I., Fernandes, S., Branco, M. C., & Curto, J. D. (2019). Determinants of the classification of the share of profit or loss of equity investments. *VIII Encuentro de La Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas.: Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas. Further.*
- Lucas, S. M. R., & Lourenço, I. C. (2014). The effect of firm and country characteristics on mandatory disclosure compliance. *International Journal of Managerial and Financial Accounting*, 6(2): 87–116.
- Marshall, R., & Lennard, A. (2016). The reporting of income and expense and the choice of measurement bases. *Accounting Horizons*, 30(4): 499–510.
- Naser, K., Al-Khatib, K. & Karbhari, Y. (2002). Empirical evidence on the depth of corporate information disclosure in developing countries: the case of Jordan. *International Journal of Commerce and Management*, 12(3,4): 122-155.
- Nobes, C. (2006). The survival of international differences under IFRS: Towards a research agenda. *Accounting and Business Research*, 36(3): 233–245.
- Stadler, C., & Nobes, C. W. (2014). The Influence of Country, Industry, and Topic Factors on IFRS Policy Choice. *Abacus*, 50(4): 386–421.
- Yip, R. W. Y., & Young, D. (2012). Does mandatory IFRS adoption improve information comparability? *Accounting Review*, 87(5): 1767–1789.